



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Director e Editor: PADRE AMÉRICO

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Vales de correio para Paço de Sousa — AVENÇA — QUINZENÁRIO

30 DE JUNHO DE 1956
Ano XII — N.º 322 — Preço 1\$00

Nota da Quinzena

Num pequenino intervalo da nossa vida em Lisboa, padre engenheiro mais eu, fomos ver de como vivem e o que fazem as assistentes sociais, ditas Irmãs Assuncionistas, uma fundação francesa com pouco mais de cem anos. Elas habitam um bairro pobre da cidade, tal como suas colegas do Porto, ao Bonfim. A residência respira o mesmo ar; onde os muros são Pobreza, temos grandes edifícios e valorosas organizações. Perguntamos pela Superiora e quisemos saber se por ali perto se encontrava naquele momento alguma «irmã» em exercício. Estas assistentes sociais, vão servir o Pobre onde ele estiver. Não trazem nada para casa, nem pessoas nem trabalhos; levam sim o que lhes é possível, segundo seus recursos e necessidades dos seus «senhores». Cada uma delas, em longos cursos de experiência, aprende a ser baluarte. Deus não as tira do mundo; a sua aprendizagem é feita no mundo. Também não são uma rapariga qualquer. Na França, ao que nos disse a Superiora, não podem ingressar sem o curso de enfermagem. Ali mesmo, na residência de Lisboa, há delas enfermeiras. São assistentes sociais no sentido actual da palavra e missão.

A casa onde uma estava trabalhando, era ali perto. Trata-se de um aglomerado de casas pobres, com enxames de crianças em redor. Pedimos licença e entramos. No leito era a doente e ao pé, a enfermeira ocupada nos trabalhos domésticos. De manhã, ao que nos informou, tinha estado a preparar a refeição de outro pobre e a tarde era dedicada a este. As vezes tem dias de trabalhar em várias casas; «se eles nos podem dispensar vamos servir outros». Eis aqui a fórmula do verdadeiro assistente social. Nós que andamos afeitos a coisas grandes, quisemos ouvir novamente e ora por outras palavras, o que acabamos de ouvir: «vim dar aqui a tarde porque o outro não precisava de mim». Isto é um mundo às avessas. Na nossa pobre e corrente linguagem, afirmamos e estamos convencidos de que o pobre é que precisa de nós e desta sorte o compreendemos.

Despedimo-nos. Tal como nas viagens a gente «vê» melhor depois de ter visto, assim também aqui, depois da conversa, comecei a «ver e ouvir»

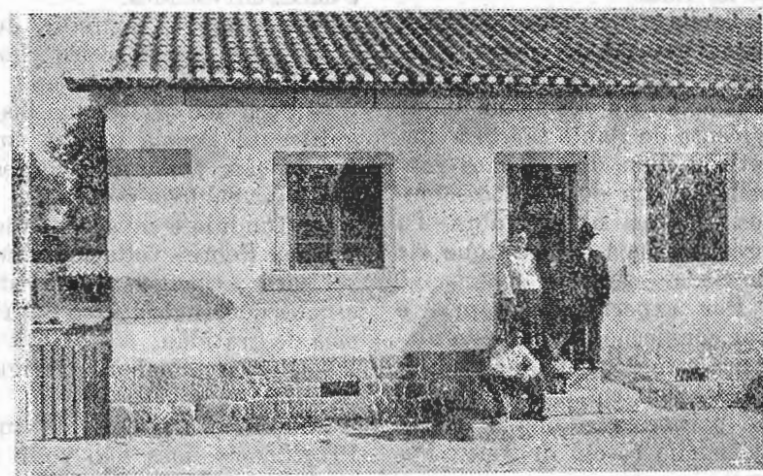
melhor a hora daquela tarde. Elas servem casas de trabalhadores em bairros do mesmo género. Vai o homem para o seu trabalho, deixando em casa uma «estranha» a cuidar de seus filhos. Há-de naturalmente sentir dificuldade em compreender e transmite a notícia aos seus colegas, que enfermam do mesmo mal. Também eles não decifram. Se oficina, se loja, se fábrica, se quê. A palavra passa e interessa porque é do Evangelho. São dezenas. São milhares de homens. Cristo foi sempre o Homem das inquietações! Isto fiquei eu a ruminar e para cada um dos nossos leitores, vai agora constituir alimento.

Admiremos a Igreja. Alegremo-nos com a Santa Madre Igreja, como é chamada desde os primórdios. Quem é que prende? Quem dá volúpia? Quem afeiçoa? Só Cristo Jesus e a sua Fundação. Que ninguém, pois se enamore e exalte a «sua obra». Falar, sim; amar, viver a Igreja. Ela é o Resumo.

Não sabia que se pensava assim e fiquei admirado ao ler a notícia de uma conferência em Paris, onde se afirmava ser o Papa mais absorvente do que Estaline e mais perigoso cair nas malhas daquele do que deste! E é verdade. Absorvente, sim. Ele deseja até ser o único Pastor de um único rebanho num único redil. Mas é por amor às ovelhas—por isso mesmo outros meios, outra finalidade, outro combate.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Damos hoje imagens das casas de Medelim com seus felizes habitantes. Por uma carta de vicentinos fiquei sabendo que ali perto é Monsanto, classificada a mais bela aldeia de Portugal. Pois bem. Sem desprimor para a terra, digo que vale a pena ir hoje a Medelim porquanto, se não a mais bela, é uma aldeia que se basta. O pároco acaba de me informar que além destas duas vão proceder imediatamente a mais três, ficando destarte resolvido o problema dos seus pobres. Ora isto é beleza. Quem for a Monsanto não se esqueça de procurar e bater tanto mais que a «Casa do Quim» vai ser ali construída. Medelim é distrito de Castelo Branco. Quando esta notícia

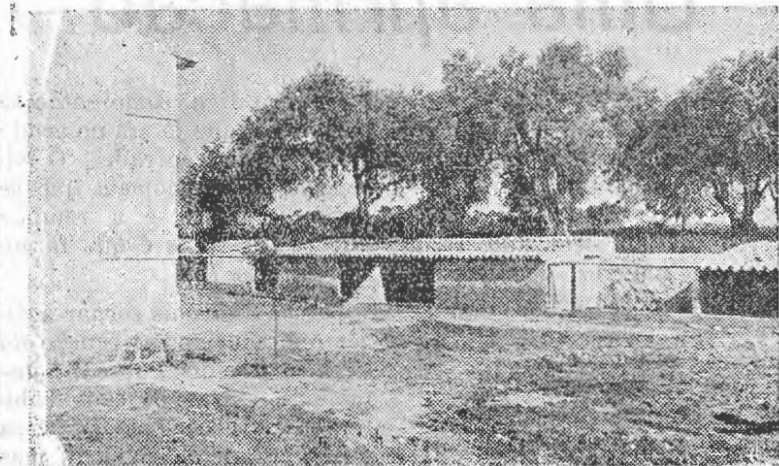


As meninas dos olhos dos vicentinos de Medelim.

Chama-se a atenção dos leitores para a instalação dos currais que se vêm na estampa por detrás das moradias e

Esta descrição, que seria poética se não fora trágica, não excita nem concha. Não é demagógica. Nós amamos o homem mas detestamos a popularidade. Se assim escrevemos, é única e simplesmente para causar alegria na alma de quem nos lê e continuar com esta estupenda revelação de quão oportuno e urgente não é isto de fazer e entregar casas a Indigentes.

Continua na 4.ª página



Currais das casas de Medelim. Não há ninguém que não goste de ver as ovelhas em seu recinto e o Homem no seu lugar.

chegar a Luanda, que se alegre o anónimo que a ofereceu e não só esta como outras duas.

ao fundo do quintal. Temos aqui uma construção de conjunto altamente modelar e justo. O seu a seu dono. Se cães a casota. Se gatos o caixote. Se passarinhos a gaiola. Se galinhas a capoeira. Se gados o curral. E quando chegar a vez do Homem, decência e dignidade. Vale a pena e mal possa conto ir a Medelim.

— xxx —

Em S. Martinho do Campo entregaram-se mais duas casas. Dizemos mais porque já existiam outras. Uma das famílias, aliás numerosa, há muito que não saía de casa. Não aparecia em reuniões. Não ia à missa aos domingos. Havia filhos por baptizar. Porquê? Não tinham que vestir. Não tinham que calçar. A barraca onde moravam é testemunho de tudo quanto aqui se diz. Também não tinham nada de nada para a nova residência; o chão estremo era o sítio onde dormiam. Nós até, com licença presumida, fomos àqueles dois contos que alguém nos ofereceu para a mobília da casa «Nossa Senhora do Carmo» e retiramos metade para este caso pungente.

São três senhores do Porto que assinam; um da rua do Bonfim, outro da Duque de Saldanha e finalmente um terceiro da rua de Santa Catarina.

Eu acho que a maneira mais eloquente de um falar da «sua» Obra, é deixar que os mais digam dela tudo quanto sentem. Por isso me calo.

CAMPANHA DOS CINQUENTA MIL

O Júlio Mendes tem levado muito alto o sentido da Campanha e porque alimenta um entusiasmo pela causa e é um rapaz, não há dia que o carteiro não entregue listas. Elas são do Continente, do Ultramar, dos Estados do Brasil, América Central e últimamente, extensas, dos Estados da América do Norte.

Também para crédito e proveito do jornal, tem aparecido aqui e ali vem a lista de assinantes pagos e isto é uma coisa muito boa. Por falar desta sorte de apaixonados, gostaria de conhecer pessoalmente a Geny Costa, de Belo Horizonte. Ainda há dias era uma lista com 8.300 cruzeiros. «O Gaiato continua a ser o meu encantamento e tenho-me interessado em que outros o conheçam» — assim se exprime a Geny.

Mas ela quer mais: «parece-me também bem lançada a ideia de uma Casa do Património dos Pobres, no que prometo empenhar-me do coração». Pronto, já temos a casa Belo Horizonte. Porquê? Nada. É o coração! Ora a gente não pode afirmar se é o jornal que faz a Obra. Ela foi muitos anos sem ele e assim poderia ter continuado. Mas faz falta. Mais do que a própria Organização senti-lo iam os leitores, se porventura «O Gaiato» viesse a desaparecer.

Não seja pois por nossa causa. Não seja pela «Obra da Rua». Fique de fora o «Património». Esqueça-se o «Calvário». Mais do que tudo isto, que é muitíssimo, representam e são os leitores. Por amor de cada um deles, sim trabalhem os leitores e façam com que todos os portugueses conheçam, que daí ao amar é pouca distância.

Uma carta

«Como dia a dia se torna mais difícil o alojamento das famílias, não só indigentes, mas também daqueles cujos ganhos são insuficientes para pagar renda de casa, lembrei-me, como este problema só pode ser resolvido pela grande obra do Património dos Pobres — que se se fizesse um peditório anual Nacional e Ultramarino, uma vez no ano para esse fim, talvez se conseguisse dar mais alegria de viver a mais famílias.

Podia ser feito pelos vicentinos, no dia de S. Vicente de Paulo, 19 de Julho.

Peço desculpa do meu atrevimento mas, como para mim, sempre que leio o nosso jornalzinho, me é muito doloroso não poder contribuir com uma soma avultada para aumentar o Património, talvez assim se conseguisse alguma coisa mais ao muito que se tem feito e que se está fazendo.»

AMA O TEU POBRE

Anda o Carlos Veloso, o vicentino número um do Lar do Porto, empenhado numa campanha altruista a que deu o título — «tenha o seu pobre». Este rapaz é vicentino desde a primeira hora. Começou por ser o tesoureiro da primeira conferência dos nossos rapazes, em Miranda do Corvo. O primeiro desgosto que sofreu foi ficar sem a colecta que lhe roubaram. Já lá vão 13 anos e nunca desanimou. Apoiando a boa vontade e a persistência do Carlos, também quero vir trazer uma achega ao seu ponto de vista.

Tenha o seu pobre, é afinal a confirmação do «preceito novo» — «Amam-vos uns aos outros como Eu vos ameie», e que Vicente de Paulo tão bem sintetizou num dos últimos conselhos a um dos seus discípulos. — «Ama o teu Pobre. Tu precisas mais dele do que ele de ti».

Por experiência própria e por convicção, sei que é verdadeira esta doutrina e é com alvoroço que, em abono dela trago para esta coluna a última lição que recebi do «meu Pobre».

Pobre por vocação que não de berço. Há muito que se dedica aos pobrezinhos da sua área.

Senta todos os dias 80 à sua mesa. Para que eles não mendiguem sai com frequência de saca na mão. Não tem rendimentos nem subsídios. Não presta contas.

Há muito que dobrou a idade dos nobres e possíveis entusiasmos. Saúde, nunca a teve.

Só o coração lhe mantém uma invencível tenacidade, a que não podia faltar o concurso constante da Providência.

Naqueles excepcionais dias de chuva e frio de Abril viu-se forçado a vir para a rua mendigar.

O mês estava a findar com um encargo inadiável de oito contos. Todo o dia girou de porta em porta. A noite aproximava-se e, no sacco, não havia mais que 280\$.

Esgotado e triste começou a cambalear até que caíu de vez sem sentidos, na valeta. Ninguém deu fé. Quando voltou a si, era noite avançada. Levantou-se como pôde e agarrado às paredes conseguiu chegar a casa. Chamado o médico na manhã seguinte, diagnosticou uma pneumonia. Ordem terminante para não sair da cama. Na melhor das hipóteses era doença para um mês.

Qualquer, no lugar dele, teria desesperado. Para não chegar a tanto, só um recurso — a oração. Deus tem sempre a última palavra.

Mal o médico saiu, voltado para o Cristo suspenso na parede, fala-lhe assim:

— Senhor, sabes que tenho a pagar até amanhã oito contos, e atiras-me para a cama sem dinheiro e sem saúde! Que vai ser de mim e dos meus pequeninos? Salva-me Senhor, que pereço! Esta queixa ardente que lhe sai do coração entre soluços, não podia ficar sem resposta. Alguém bate à porta momentos depois. Sobe, entra no quarto do doente e explica:

Sei que está doente. Venho trazer-lhe um pequeno auxílio para os seus pobres. E põe-lhe na mão três contos.

— Diga-me, suplica o doente, o seu nome?

— Não interessa o meu nome. Não é coisa que sirva para adubar o caldo dos seus protegidos.

Retirou. Ao fundo da escada cruzou-se com outro senhor que subia com a mesma finalidade.

— Soube que ontem bateu à minha porta. Como não estava venho trazer-lhe o meu auxílio e deixa mil escudos.

Desce este e, segundos depois, entra um terceiro que também se não identifica.

— Peço que aceite uma insignificante esmola para a sua Instituição. Eram seis contos.

Estava saldada a dívida.

Confundido e envergonhado, o «meu Pobre» volta-se de novo para a imagem de Cristo crucificado, agora com lágrimas de gratidão.

— Perdão, Senhor! Obrigada!

Fui fraco. Duvidei da tua Providência, mas não volto a queixar-me de Vós!

Ora aqui está como Deus acode pelos seus.

A fé diz-nos que Ele eriou, conserva e governa o mundo com o seu poder, sabedoria e bondade. Também diz que olha pelas avezinhas do Céu que sustenta e pelos lírios do vale que veste. Como não haveria portanto de acudir aos seus filhos e servos, que fazem suas as dores alheias, nas horas difíceis?

Isto sabe-o qualquer cristão nas horas de fatura, todavia quão reduzido é o número dos que acreditam com fé de transportar montanhas. Por isso a uns falta coragem de começar, outros desanimam às primeiras provações. Não assim o meu Pobre. A confiança no Alto supre os subsídios, a propaganda na grande imprensa, os rendimentos estáveis e mais fontes de receita. E nunca foi iludido.

Eis a grande lição.

Quem não conhece este mestre?

De Leça a Rio Tinto, dentro e fora da Estrada da Circunvalação o seu nome é pronunciado com respeito. Isto nas assembleias dos homens. Mas na dos santos é que ele espera o galardão.

Padre Adriano

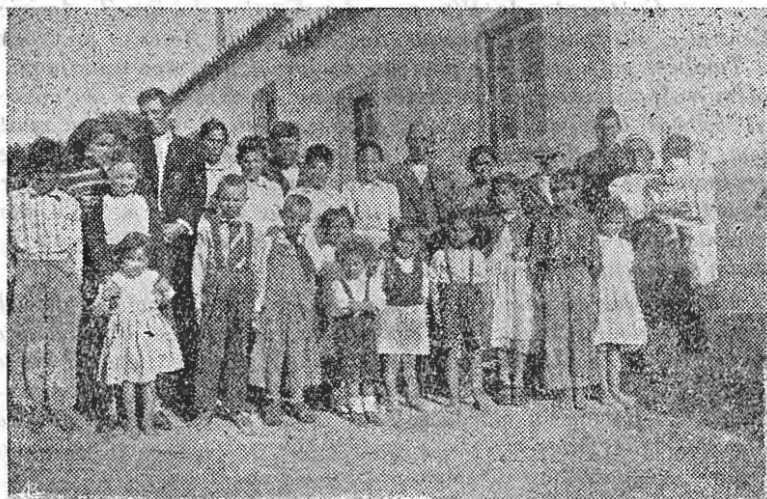
Uma afirmação

Estava eu nesta casa — centro de coisas novas, quando se faz anunciar e imediatamente começa a subir um grupo de treze cavalheiros. O pároco vai apresentando cada um por sua vez, de onde fiquei sabendo que se tratava da maior classe da sua paróquia. O assunto era casas. Estavam ali senhores que têm oferecido terrenos. Outros, materiais. E todos boa vontade. Trata-se na verdade de uma freguesia onde muito se tem feito pelo «Património» e deseja-se fazer muito mais. Porém, acontece que tendo nós estado ali e conversado com os habitantes, notamos a ausência do Vicentino, pelo que resolvemos suspender o auxílio. Ora era justamente esta a razão forte que aqui trouxe de longe um número de tão consideradas pessoas.

Tem-se posto desde o princípio a doutrina e até afirmado, que ninguém deve pensar em construir casas sem a equipa de vicentinos e foi justamente nesta base que me recusei a dar a soma de dinheiro que para aquela freguesia tenho dado, ignorante do que ali se passava. Nem era necessária a deslocação nem a presença nem os argumentos! A categoria daqueles óptimos paroquianos, também me não podia mover. Só o Pobre. Só as condições em que o pobre vive. Isso é que nos faz violência. Para que melhora de situação, costumamos dar os olhos da cara espontaneamente. Que nos perdoe o pároco e seus amigos a atitude que tomei, mas em consciência era aquela. Não posso tomar outra.

Nem se diga, como então se pretendeu, que já era nomeado o grupo de confrades. O vicentino não é homem que se improvise. Não é a reunião que os faz. Eles é que fazem as reuniões.

Nunca é demais tornar a dizer que a principal função do «Património dos Pobres» é justamente elevar os seus habitantes. Fornecer-lhes uma casa é na verdade o principal, mas não é tudo. A assistência é indispensável. Por isso muito gostamos que seja o pároco a pessoa que se nos dirige, mas o nosso regozijo é muito grande, todas as vezes que à sua frente e com ele, vem também o vicentino. Se por cartas, se pessoalmente, não importa; o que interessa é que sejam os dois, e nesse caso não pode haver dúvida. Temos assistência completa na freguesia.



Eis aqui um mundo com uma outra cara. Quatro famílias das quatro casas de Aviz. Ditosos olhos que vêem; ditosos ouvidos que escutam; inteligência que compreenda; coração que sinta o que ora se está passando na terra dos nossos Miores!

Isto é a Casa do Gaiato

O Zé Eduardo, perdão, o senhor Lopes, tal como hoje é conhecido no Banco onde trabalha. O senhor Lopes, dizia, escolheu o dia 15 deste mês para o seu casamento, que vai ter lugar na capela da nossa aldeia. Ele anda muito inquieto e quer que eu ponha o evento no jornal. Não é por nada, já se vê; o rapaz quer uma prenda. Ele precisa de tudo. Qualquer coisa desde a agulha à âncora. Quanto a mim já perdi a conta ao que lhe tenho dado desde a hora remota em que ele aqui chegou, cheio de aventuras de Ramalde e outros sítios da Invicta. Já perdi a conta e não estou resolvido a ir mais por diante. Se alguém sentir desejos e simpatia pela hora do rapaz, qualquer dos sítios clássicos onde costumam ir dar as nossas ofertas, seria idónio para as ofertas dele. E com esta, esperamos que nos tenhamos de ver livres do Zé Eduardo; eu pelo menos assim conto. Foram catorze anos. Catorze anos de Zé Eduardo! Já é!!

X X X

Também se casou uns dias antes o africanista Gonçalves, tendo escolhido para o acto o templo do Bom Jesus em Braga. Este rapaz conta regressar brevemente ao seu emprego, onde se espera que continue a dar as provas que até ora tem dado.

Ao dar a notícia de casamento dos nossos, alguém pode estranhar que eu nunca fale de suas esposas e têm razão, mas a verdade é que raramente acontece saber eu quem elas são. A vários casamentos que tenho assistido nas igrejas do Porto, é ali que pela primeira vez as vejo. A do Zé Eduardo, uma ou outra furtivamente. A do Gonçalves, nunca. De um outro que se vai casar em Agosto, nunca. E mais. E mais. E mais.

X X X

Os nossos leitores recordam-se do Herlander; perdão, do senhor doutor Herlander de Freitas, hoje Conservador do Registo Predial em Quelimane. Pois este nosso querido amigo e sua esposa, têm experimentado e sofrido mui difícil adaptação nos trópicos. As cartas eram gemidos. As ameaças de um regresso, constantes. E eu ficava triste.

Soprava de cá rajadas de coragem. Contava histórias de homens que por lá nasceram e morreram. Punha todos os meus recursos e experiências ao serviço dos descontentes, até que por fim veio a hora: «por aqui as coisas vão melhor na demorada adaptação. Por outro lado, por esta ser a terra do meu filho, o ambiente já me não parece tão mau». E aqui temos. Deus deu-lhes um filho, «há muito esperado» e com aquele tesouro foi-se embora o medo. «Agora é tudo e mais filho».

X X X

Eu venho aqui pedir a todos quantos nos amam, que não dêem relógios de pulso aos de menor idade. Tenho dito isto muitas vezes e torno. Não vale a pena gastar dinheiro. O rapaz não se segura. É obrigatório ir ver como aquilo é lá por dentro e também é obrigatório chamar companheiros. Resultado. Muitas mãos. Muita curiosidade. Muita discussão e o relógio passa a ser um monte de peças. Tem sido assim e há-de continuar enquanto os senhores perseverarem.

Continua na 4.ª página

Doutrina

Quisera ilustrar a «Doutrina» de hoje com imagens de crianças que tenho visto por aí fora, entre as quais aquela que só come pão quando «barrega». Uma porta onde bati e tornei a bater, levou tempo mas abriu-se. Dentro era um pequenito de talvez 8 anos. A mãe fora dar o dia e ele ficou sozinho. Dei voltas. Procurei. Eram 14 horas e o pequenito estava em jejum! O seu aspecto era testemunha qualificada. «Estou à espera da mãe!» Quem sabe se a sua demora teria sido justamente por não ter nada que lhe dar! Um outro irmãozinho tinha ido para a escola e porque do mesmo lar, as mesmas condições! Estas violências induzem a gente a ir contra princípios e sentá-los à mesa, sem os inscrever no livro. São hóspedes de honra.

A chamada cantina escolar, é ainda em nossa terra uma esperança. É um esboço. Não fez mentalidade. Ele há países onde se não compreende a escola sem cantina. Nós porém, não compreendemos assim e arrastamos as coisas em prejuízo da Raça. Não arrastemos. Não privemos a Criança daquilo a que tem direito. Se ela se não queixa, maior a nossa culpa. Se perdemos a ocasião de lho dar de comer nesta idade, como e quando reparar o mal feito? Ora eu lembrava que, nas aldeias onde não existe ainda o benefício da cantina, haja o zelo dos particulares. Por prévia combinação, é fácil arranjar a casa que dê. É um encargo suave. Deus acrescenta. Não dizemos somente do ano escolar, mas sim do ano civil. O caldo da casa será para mais um. Um da família paroquial Assim seja.

Aqui, Lisboa!

Naquela sociedade onde Deus não é, facilmente o Homem se Lhe substitue.

Ora isto passa-se em nossos dias. A morte de Deus, a ausência de Deus são temas que mentores do ateísmo contemporâneo impõem sem contestações. As estatísticas confirmam que na maior parte do mundo tudo se desenrola como se Deus não existisse, vive-se mesmo como se a ausência de Deus fora uma certeza. Estamos diante dum facto novo na História — uma civilização que se pretende construir sem Deus. Até agora todas O tomaram em seus fundamentos. Só a nossa não. Para ela o Homem é Deus. E do seu pedestal de barro, aquele pretende organizar o mundo por suas mãos.

Uma das manifestações mais atrevidas do Homem, que toca na personalidade humana é aquilo a que hoje se chama o «birth control». Organizar a sociedade, regulando as fontes da vida é suposto que não tem em suas mãos o princípio e o fim de tudo.

Notícias da Conferência DA NOSSA ALDEIA

De Leiria recebemos 40\$00 da assinante 17.022. Eduardo Sardoeira, 10\$00. Lourenço Marques, 50\$00 para o Pobre que a assinante 32.024 vem ajudando há alguns meses). Assinante 7.505, de Naugatuk, U. S. A., 60\$00. Por onde a gente anda! Maria Emília Mendes, 20\$00. «Do meu afilhado, 10\$00 para a Conferência». A conhecida senhora A. F., do Porto, o dobro. E o mesmo de um assinante, também da Invicta. Assinante 10.093, de Vila João de Almeida (Chibia) 50\$00. Dr. José Costa e Nora, que tivemos o prazer de conhecer pessoalmente, não quis ir embora sem rapar da carteira 20\$00 para os nossos Pobres. José Pereira Araújo, 50\$00. Uma Anónima subiu as escadas da Tipografia, entregou 20\$00 para a Conferência e desandou. O assinante 15.123 não quis faltar e eil-o com 20\$00, também. E de Coimbra, uma carta de Alda Matos Maia com 2\$50; foi o que pôde dispensar dos seus magros proventos. E agora muita atenção que vamos receber à sombra acolhedora desta coluna um donativo de 2.500\$00 com esta legenda: «humildemente ousou pedir uma pequena oração pelas minhas necessidades espirituais como de todos os meus. Agradeço a Deus ter-me dado ocasião de poder cumprir esta minha promessa». É uma parquiana de S. Mamede, Lisboa e toda a carta um monumento à grandeza e ao poder de Deus. Para fechar o dia registamos 30\$00 de Ilda Jorge Martins. E a todos o muito obrigado dos Pobres que temos a felicidade de visitar.

Júlio Mendes

Apresenta-se como causa desta atitude a super-população do globo terrestre. Ora a distribuição demográfica está longe de ser perfeita. E isto já é capítulo da competência humana.

O problema dos anormais grita pelo «birth control». Mas a Humanidade não é espécie animal que haja de ser seleccionada.

Aponta-se a miséria física de tantas situações confrangedoras, e contudo não se dá fé da da escandalosa riqueza acumulada.

Mas Deus foi, é e será. Como Providência — atributo divino tão ignorado dos homens do séc. XX, século das luzes e descobertas dos segredos mais profundos da natureza — Deus tudo orienta rectamente para o seu fim. Quer isto dizer que não pertence ao Homem julgar o que Deus estabeleceu, para Lhe impor uma correcção. Não compete ao Homem corrigir a Natureza, por supor que há excessos. Biologicamente se afigure um bem, psicológica e moralmente acarreta desastrosas consequências. É certo que a Igreja, pela voz do seu actual Pastor, compreendendo as dificuldades da vida conjugal, afirma a legitimidade duma regularização dos nascimentos compatível com a lei de Deus, mas que tem por base a ascese moral.

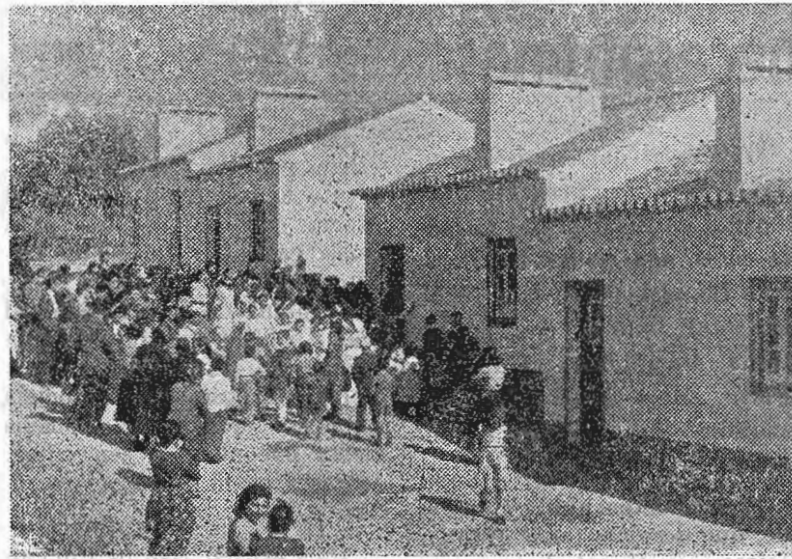
Tantos são os problemas que se oferecem ao homem para resolver, antes daquele que lhe parece primário e essencial! Se faltam habitações, não compreendo a atitude daquela empresa nacional, que no passado ano depôs nos cofres do Estado algumas centenas de contos, que retirou para fins sociais, mas porque a aplicação directa desse capital em prol dos seus operários exigiria encargos e preocupações, muito simplesmente abdicou. Não admira também que a cada passo tropeçemos com o anormal. É o fruto espontâneo e lógico duma sociedade corrompida, onde campeia o vício reconhecido e autorizado, e a doença não é suficientemente abrigada por não haver instituições adequadas.

Há fome. Todos o constatamos e sabemos perfeitamente porquê.

Não está certo que se apele para uma correcção da Natureza, quando desvios maiores se apresentam à consciência humana. Que o homem não queira corrigir as determinações divinas, sem primeiro rectificar os desvios e incongruências humanas.

A quantos pais temem a família numerosa porque o caldo de hoje não dá para repartir amanhã, pedimos que venham espreitar as nossas casas. São elas um testemunho patente daquele atributo divino, que os homens teimam em desconhecer, e de cuja ignorância resulta o panorama da infelicidade de tantos lares — a Providência de Deus.

Padre Batista



Aqui Aviz. Estão mais em construção.

Chales de Ordins

A campanha dos chales não tem esmorecido. Há a certeza de que passaremos o verão com o mesmo movimento. É que se há quem os procure, por causa dos seus preços, há também, e não são menos, os que os encomendam pela lei do Amor. São discípulos do Mestre. São irmãos. Amam.

A Trofa escreve-nos, com urgência, pedindo-nos preços «para quantidade, dando a pessoa interessada a lã e recebendo todos os desperdícios». Nestas condições, mão-de-obra dum chale grande — 37\$; médio — 27\$50; pequeno — 18\$50. Pagará, ainda, as despesas do correio

Coimbra um dos pequenos. Vizeu com 125 um dos grandes. Lisboa vem, de novo, com 100 para um de 90. «Recebi o mês passado, o chale preto que encomendei, e muito gostei, prometendo no fim do mês pedir outro, mas só hoje me é possível». Trata-se duma «triste e pobre viúva» que vive a fazer o bem. E assim vai enriquecendo para a vida eterna, fazendo nascer a alegria à sua volta, ela «triste e pobre». No seu coração e nas suas mãos tem igualmente lugar o «Calvário» e o «Património dos Pobres». Pardelhas um grande. Lisboa com 100 um de 90. Coimbra um dos pequenos «branco e lindíssimo, pois se se destina ao Filho, ao nosso primeiro Filho que, por estes meses, deverá vir ao mundo, se Deus quiser». Respeito pelas leis do Criador. Amor pelos Filhos (que lindo, escrito com maiúscula!) Alvíssimo e lindíssimo, será o chale enviado. Zambugeira com 70 um dos pequenos.

Há tempos uma Senhora de Monforte da Beira ofereceu dois chales às Criadas. Ficariam satisfeitas? Eram chales de Ordins. Não é preciso dizer mais nada, senão vejamos: quem, agora, oito grandes e um médio, com 1.020\$ na mão.

De Inhamússua (Moçambique) uma carta clara: 5 assinaturas para a campanha dos 50.000, com 130\$, e 5 chales de 60, com 370\$. A Metrópole e o Ultramar formam uma só família. Di-lo esta carta tão simpática. Lisboa um dos grandes. S. Miguel do Outeiro com 70 um dos pequenos. De Vila-de-Rei 500\$ para um grande e cinco pequenos.

Do Estoril um grande «para um aniversário. Se gostar devo mandar fazer outro». Porque «muito» gostou, Alijó com 140\$ quer dois dos pequeninos. Caridade em confiar-nos a encomenda. Caridade no pagamento, com um excedente. E, para que a Caridade seja total, um dos chales será oferecido a um recém-nascido da Maternidade do dito Hospital. Chama «Santa Obra» à dos artesanatos de chales. Sim, porque permite a tantos quebrar o seu egoísmo, realizando-se um Amor Fraternal. «Santa Obra» a desta Senhora de Alijó.

Caldas da Rainha um pequenino. Soure um dos grandes. E mais nada por hoje.

Atenção aos novos preços: 60\$, 90\$ e 120\$, mais 5\$ para despesas do correio.

Fazer os pedidos unicamente para a Conferência de S. Vicente de Paulo de Ordins — Paço de Sousa. Mandar os vales de correio dentro das cartas. É mais prático.

P.e Aires

Continua na quarta página

EU EM LISBOA

As duas salas onde me recebem, antes P.e Adriano e hoje P.e Carlos, são as mesmas: Santa Apolónia ou Aroporto. Da primeira gostaria de dizer mal; aspectos e imagens desde Braço de Prata e também do arranjo da estação, mas não digo. Os senhores não gostam nem a gente tem alternativas. Da segunda, cada vez melhor.

Depois de tomarmos uma bucha, demos princípio ao dia no Terreiro do Paço, que começou às três menos um quarto, hora em que todos costumam estar em casa. E estavam. Tão depressa nos despachamos que foi possível voltar ao Porto nessa mesma tarde. Ministério das Finanças. Dito do Interior. Também das Comunicações. Ultramar. Parece que estavam todos à nossa espera e de tudo recebemos bom despacho. P.e Carlos viu, ouviu e animou-se. É preciso que os homens que podem, nos aceitem e encoragem.

Aqueles degraus pombalinos

Agora

A frente da procissão vai alguém de Coruche com um cheque de 15 contos. A letra é checada e se me não engano, não é esta a primeira casa. Trata-se de uma promessa a favor de outrem. É tudo generosidade cristã. Bemaventurados os que se esquecem de si por amor de Deus! Pede-se a placa «Casa de N.ª Senhora Maria Auxiliadora».

A seguir vão as Noelistas do Porto com 4.467\$50. Ao lado temos alguém que entregou 100\$ no Lar do Porto. E metade. Deixem passar o Abílio dos Guindastes, que ele vem da Beira, África Oriental Portuguesa. Quanto não produzem estes desconhecidos, na cabine do seu guindaste, a receber e a entregar ao Congo Belga, às Rodésias, Niassalândia e todos os sítios das extensas províncias de Moçambique — quanto! Pois aqui vai ele com os 100\$ do costume. Alguém que em tempos ofereceu uma casa, envia mais dois contos para a mobília e vai no cortejo.

Largueza por favor. Deixem passar quem foi ao «Espelho da Moda» fazer entrega de uma dúzia, com três recados; o primeiro foi ter asseverado — «isto não é meu; é de alguém que me mandou entregar». Mas não é assim. Aquilo chama-se esconder a mão e nada mais. O segundo é o ter recomendado «que seja para uma família muito necessitada». E ainda um terceiro: «não importa aonde». Ora aqui temos três condições cheias. A primeira é a modéstia no dar: «isto não é meu». A segunda, o desejo de servir — «que seja para uma família muito necessitada». O terceiro, o desprendimento — «não importa aonde».

Continua na quarta página

são testemunha das minhas horas; há quinze anos que os conheço. Chamou-me pela primeira vez o senhor Dr. Joaquim Diniz da Fonseca, primeiro Subsecretário da Assistência. Senhor Dr. Pires de Lima, ao tempo do Governo Civil do Porto, duvidou se nos havia de entregar Paço de Sousa «o maior património do meu distrito». Ao que ele respondeu: «deixe ver o que o homem faz». E tem-se visto, graças a Deus. Tivesse-me eu deixado enleiar e tinha feito o que os mais fazem. As peias do Estado e da Igreja são impiedosas.

P.e Carlos reparou no grande número de homens, sentados, aos grupos, pelos corredores fora, fardados.

De uma vez era eu num Ministério. Dirijo-me ao gabinete de quem ia procurar. Fora estava um contínuo sentado numa cadeira de espaldar, pés sobre outra. Duas cadeiras! Sem se mexer de onde estava, pergunta «que é

Continua na quarta página

